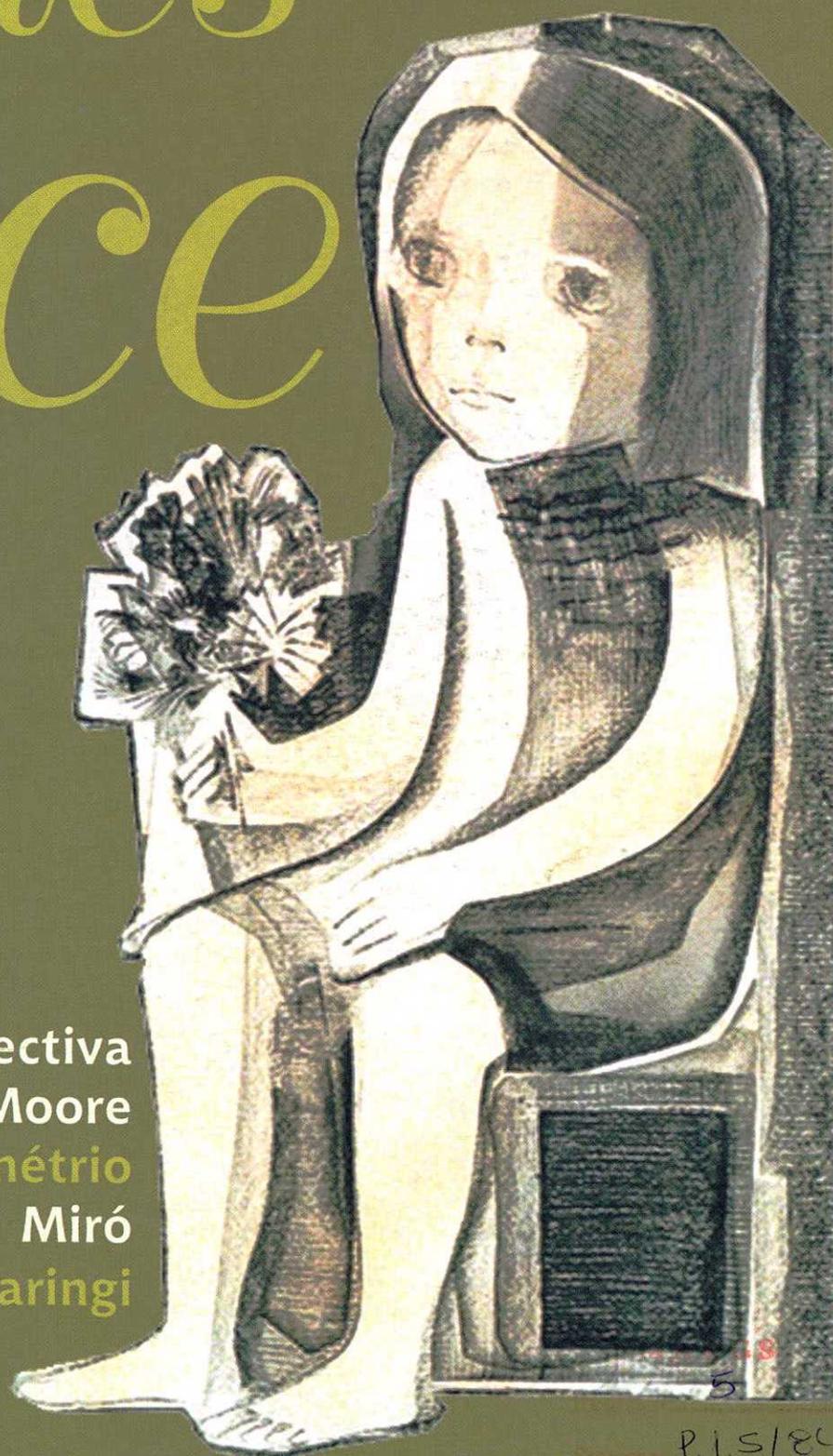


M | A | R G S
JORNAL DO

Governo do Estado do Rio Grande do Sul / Secretaria de Estado da Cultura
Museu de Arte do Rio Grande do Sul Ado Malagoli / Publicação mensal
Maio 2005 / Nº 107

saudades
de *Alice*

Retrospectiva
de Henry Moore
O ateliê da Demétrio
João Cabral e Miró
Cem anos de Caringi



P.15/84

Fotos da obra de Alice por Amílcar Pinto



Capa
Alice Soares. *Sem título*,
lápis contê sobre papel,
1966.

O mês de maio é um período especial para todas as instituições museológicas brasileiras. A semana do dia 18, data em que comemoramos o Dia Internacional de Museus, foi marcada por programações especiais em instituições de todas as regiões do país. Mais de 800 eventos, em cerca de 250 museus e centros culturais, foram realizados para promover o pensamento - presente e futuro - sobre a cultura nacional. Nos auditórios do MARGS, os debates giraram em torno dos temas educação infantil e multiculturalidade. Segundo dados do Ministério da Cultura, existem hoje aproximadamente dois mil museus no Brasil. São instituições públicas e privadas, visitadas por 17,5 milhões de pessoas por ano, e que geram cerca de 10 mil empregos diretos. Isso demonstra a importância da área para o desenvolvimento do Brasil. No início do mês, o MinC anunciou a duplicação de investimentos no setor - cerca de R\$ 44 milhões - e deu mais dois passos para a consolidação da Política Nacional de Museus: a posse do Comitê Gestor do Sistema

Brasileiro de Museus e a assinatura do termo de cooperação técnica entre o MinC e Ministério da Saúde, para a implantação do Observatório de Museus. Para 2005 e 2006, o MinC ainda confirma o apoio do governo Espanhol com recursos técnicos e financeiros para a implantação do Cadastro Nacional de Museus Brasileiros.

Em meio a todas essas iniciativas, o MARGS também divulga outros projetos culturais - como o de mecenato Pró-MARGS, que aguarda apenas a liberação do MinC - e participa ativamente com três propostas no Poliorama, iniciativa do Instituto de Estudos Empresariais, no 18º Fórum da Liberdade. Para a primeira semana de junho, o Museu prepara uma nova safra de exposições temporárias: *Anima Italiana* e *Erico Verissimo - Retratos da vida inteira*.

No final do mês de abril, o MARGS também consolidou sua mais importante proposta editorial - o Jornal do MARGS (veja nota abaixo), que este mês brinda seus leitores com um sensível depoimento da arte-

educadora Cristina Balbão sobre a amiga e artista plástica Alice Soares (falecida em 21 de março deste ano). O JM deste mês ainda traz um artigo especial sobre o centenário do escultor Antônio Caringi, a enquete *O que é um curador?* e textos sobre as exposições *Retrospectiva de Henry Moore*, em São Paulo, *Mirabolante Miró*, no Santander Cultural de Porto Alegre, *Anima Italiana* e *Otto Sulzbach*, no MARGS. Mantendo nossas seções específicas, convidamos o leitor a conhecer o ateliê da Demétrio, do artista Félix Bressan, e também esperamos mexer com a imaginação dos pequenos na página *Primeiras Impressões*, sobre a brincadeira dos meninos artistas. Por fim, sendo o país que mais comemora o dia 18 de maio, fica o nosso convite a todos para que, com o auxílio de publicações e espaços especializados, possamos pensar, ler, criar e construir o futuro e a identidade dos museus brasileiros.

Paulo César Brasil do Amaral
Diretor do MARGS

Novo Jornal do MARGS

A edição de nº 106 do Jornal do MARGS, inteiramente reformulada, foi lançada no dia 27 de abril, em evento que reuniu cerca de 300 pessoas, entre convidados e autoridades.

A publicação, que trouxe como tema central o aniversário de 400 anos de Dom Quixote, voltou a circular por meio das leis de incentivo (LIC e Rouanet). Os grupos Gerda e Sonae patrocinam a iniciativa de ampliação do periódico, que quadruplicou sua tiragem - de 5 para 20 mil exemplares -, duplicou o número de páginas - de 8 para 16 - e passou a ser distribuído em instituições culturais e de entretenimento em todo o país. A pinacoteca direita do MARGS abriga, até o final de maio, a exposição de serigrafias de Vasco Prado, impressas de 1986 a 1987, que ilustram a edição.



Happy Hour Cultural

A primeira edição de 2005 do *Happy Hour Cultural* contou com a presença do escultor Bez Batti. Coordenado pelos psicanalistas Jaime Betts, Lenira Fleck e pela arte-educadora Emília Viero, a série de debates vem refletindo, desde 2001, sobre a trajetória de artistas a partir dos processos criativo e psicanalítico. O livro *Sob o Veu Transparente*, que será lançado em breve pelos organizadores do *Happy Hour Cultural*, relata o primeiro encontro da série, com a escultora Cláudia Stern. Informações sobre o evento pelo telefone (51) 3221-3545 (Núcleo de Extensão do MARGS).

EXPEDIENTE Jornal do Margs - ISSN 1806-0749 • Governo do Estado do Rio Grande do Sul • Secretaria de Estado da Cultura • Museu de Arte do Rio Grande do Sul • Conselho Editorial Antônio Hohlfeldt, Antônio Sanseverino, Carlos Urbim, Edgar do Valle, Francisco Marshall, João Satt, José Paulo Martins, Luís Augusto Fischer, Paulo César Brasil do Amaral, Paulo Gomes, Renato Malcon e Roque Jacoby • Coordenação projeto Jornal do MARGS Marga Acioli e Paula Taitelbaum • Jornalista responsável Drt 11857 • Consultoria e planejamento editorial Cida Golin • Editoria executiva e Assessoria de Imprensa Cybeli Moraes • Colaboradores desta edição Amílcar Pinto, Tadeu Chiarelli, Susana Gastal, Nelson Aguilar, Alfredo Aquino, Neiva Bohns, Angélica de Moraes, Rosina Duarte, Cristina Balbão, José Francisco Alves, Maria do Carmo Santos, Susana Vernieri, Paula Taitelbaum, Janine Mogendorff, Alfredo Aquino, Celso Gutfrend e Giuliano Ferrony Bressan • Produção e redação Núcleo de Comunicação do MARGS • Secretaria Clarissa Niederauer • Estagiária Nijya Bisio Ciconet • Revisão Denise Bastos, José Luiz do Amaral e Vera Grecco • Distribuição Projeto cultural Jornal do MARGS • Projeto Gráfico Ana Cláudia Gruszynski • Editoração Atelier Design Editorial • Impressão Gráfica Pallotti • Tiragem 20 mil exemplares • Distribuição gratuita • Escreva para o Jornal do MARGS: comunicacao.margs@terra.com.br ou cartas para o endereço Praça da Alfândega, s/nº CEP 90010-150 Porto Alegre/RS Fones (51) 3227-2311 ou (51)3225-7551 (Comunicação) O MARGS abre ao público de terças a domingos, das 10 às 19h. Na segunda-feira, somente expediente interno. Os artigos assinados são de responsabilidade exclusiva de seus autores.

Patrocínio:



Apoio Cultural:



Financiamento:

Ministério da Cultura



Governo do Rio Grande do Sul
ESTADO QUE TRABALHA UNIDO

Este projeto está sendo realizado em parceria com a iniciativa privada e foi viabilizado pela Lei de Incentivo à Cultura, Lei nº 10.846, de 19 de agosto de 1996, e pela Lei Rouanet, Lei nº 8.313/91, de dezembro de 1991.

O que é um curador?

Uma das palavras mais ouvidas no circuito das artes, principalmente em ano de Bienal do Mercosul, é curador. Do latim *curatore*, segundo o dicionário Aurélio, este substantivo masculino designa as pessoas que têm, por incumbência legal ou judicial, a função de zelar por bens e interesses daqueles que por si só não podem fazê-lo. Dentro da mitologia brasileira, curador pode identificar o feiticeiro ou o rezador que cura pessoas mordidas por ofídios venenosos, ou que, com sua arte, as torna respeitadas por estes animais. O Jornal do MARGS perguntou a curadores brasileiros como poderiam resumir para o público, em poucas palavras, suas atividades e razão de ser no mundo artístico.

Artistas e obras de arte são os fatores fundamentais e importantes para que existam as mostras, os eventos e os certames de arte, como as bienais, por exemplo. O curador desempenha um papel acessório e complementar na medida em que ele nos ajuda a “ver” as obras de arte, seleciona e as dispõe de maneira a que possamos compreendê-las melhor, estabelecendo ou sugerindo alguns vínculos e fortalecendo a formação de um sistema inteligível, uma linguagem visual, seja num conjunto temático ou na ordenação de uma mostra individual de um artista. Um curador bem sucedido alcançará que as obras “conversem” entre si — ou seja, ele estabelece uma espécie de partitura invisível que ordena o olhar e a seqüência de reflexões do visitante-espectador, ao dispor as obras numa dinâmica, inesperada e sinérgica, que despertará impactos emocionais e descobertas intelectuais. Numa exposição individual, o curador será (na maioria das vezes) o que “corta”, aquele que retira algumas obras do conjunto a ser exposto, sugerindo a síntese ao artista expositor, potencializando assim a compreensão de sua proposta artística.

Alfredo Aquino
Artista plástico e escritor

Existem dois tipos de curadores. Em primeiro lugar há o curador “de acervo”, um profissional responsável por uma coleção pública ou privada. A ele cabe estudar e/ou direcionar os estudos sobre tal coleção e, inclusive, decidir sobre os caminhos a serem seguidos para a preservação, restauro e exibição das mesmas. Em segundo lugar existe o curador “independente”, um profissional que, sem vínculos com nenhuma instituição museológica em particular, desenvolve projetos de exposições temporárias. Preferencialmente esses profissionais devem ter especialização nas áreas de história da arte ou de teoria da arte.

Tadeu Chiarelli
Historiador e crítico de arte
professor da USP

É notório que a qualidade e a diversidade dos acervos museológicos são cada vez maiores. Embora tendamos a afirmar que a atenção à área cultural — e, em especial, às artes visuais — é menor do que gostaríamos, os acervos públicos e privados crescem em número de obras. Para além das artes visuais, somos confrontados com a museologização de outras áreas, o que nos leva a conviver com os museus da Varig, do Fórum Social, da Brigada Militar, do Erico Verissimo, da Energia Elétrica..., para ficar apenas em alguns exemplos que nos são familiares. Nestes termos, nem sempre é fácil para o grande o público transitar entre peças e documentos, dando-lhes sentido lógico ou contextualizando-os. A necessária mediação será realizada pelo curador. Como especialista em determinado campo, ele será o facilitador de um maior entendimento pelo grande público, do que lhe será apresentado. Para isso, o curador irá realizar recortes quer nos acervos das instituições, quer reunindo peças muitas vezes dispersas entre particulares. O fundamental é que este recorte seja norteado por um fio condutor, que contextualize ou mesmo recontextualize as obras/documentos reunidos sob determinada lógica. Depois, o curador também produzirá textos sobre a leitura proposta, além de participar da organização do material para exposição. Em outras palavras, a curadoria permite que encontremos muitos Iberês, no valioso acervo deixado por Iberê Camargo. Ou incontáveis possibilidades, na diversidade das peças acervadas pelo MARGS.

Susana Gastal
Jornalista,
professora da UCS e PUC-RS

Nas Artes Visuais, o *curador* é a pessoa responsável pela escolha dos artistas e das obras que integram uma exposição. A ele cabem as decisões mais importantes, desde a linha conceitual que deverá ser seguida, passando pela seleção das peças, e pela forma como devem ser mostradas. Em geral, o principal curador de uma mostra é uma pessoa que possui grande domínio dos assuntos específicos da área artística. Quanto melhor for o seu trabalho, mais possibilidades de leitura a mostra poderá suscitar, o que colabora significativamente para a ampliação e qualificação do público consumidor de Artes Visuais. Por essa razão, é preciso zelar pela continuidade do trabalho dos curadores, e garantir sua autonomia e seu poder de decisão, independentemente de pressões políticas e/ou econômicas de qualquer espécie.

Neiva Bohns
Professora da UFPel, curadora dos núcleos históricos da 5ª Bienal do Mercosul

O curador interpreta os desígnios artísticos da comunidade e formula a proposta que potencializa suas linhas de força. A arte antecipa aproximações, adivinha afinidades, refaz percursos. Regiões e religiões desconhecidas travam contato pela primeira vez. Cabe ao curador organizar a frente de atração. O fenômeno pode ocorrer seja em exposição monográfica, seja em mega-mostra. Quem projeta exposições deve levar em conta o desenvolvimento sensível dos visitantes sem nenhum entrave. O artista cria, o visitante frui, o curador efetua a ponte e o poder público ou privado subvenciona. Quando o artista subvenciona, o poder público ou privado frui, o curador cria e o visitante tem que fazer a ponte, tudo está errado.

Nelson Aguilar
Historiador e crítico de arte,
professor da Unicamp

EU VOU NO NACIONAL ENQUANTO PREPARO MEU BANHO.

- Sabonete Qtd. 3
- Shampoo Qtd. 1
- Sais de banho Qtd. 1
- Creme para corpo Qtd. 1
- Creme para rosto Qtd. 1

É só digitar www.nacional.com.br, escolher os produtos e agendar a entrega. Na data marcada, você recebe as compras fácil, fácil, no conforto da sua casa. E tudo com a garantia de qualidade do Nacional. Conheça hoje mesmo o Nacional On-line e veja como a gente faz super igualzinho a você até na internet.

www.Nacional.com.br
A GENTE FAZ O SEU SUPER ENQUANTO VOCÊ FAZ O QUE QUISER.

Mirar Miró

O raro encontro entre o poeta brasileiro João Cabral de Melo Neto e o pintor espanhol Joan Miró é um dos pontos altos da exposição *Mirabolante Miró* em cartaz no Santander Cultural até 20 de junho.

Ut pictura poesis, já diziam os antigos, referindo uma velha simbiose entre poesia e pintura. Em *Introdução ao método de Leonardo Da Vinci*, Paul Valéry reaviva a obra de um grande nome do Renascimento. “Eu não faço diferença entre pintura e poesia”, confessa Joan Miró, evocando invenções dos chineses, por ele considerados os senhores do espírito.

Pintor, escultor, gravador, artista gráfico, painelista, o inquieto Miró aperfeiçoou a sua arte e a sua técnica entre Paris, Palma de Maiorca e Barcelona, passando pelos Estados Unidos. Fez contato com Picasso, Braque, Paul Éluard, Raymond Queneau, Pierre Reverdy, entre outros. Trabalhou em cooperação com artistas e poetas, como Michel Leiris e o catalão Joan Brossa, ilustrando do primeiro os livros *Bagatelles végétales* (6 águas-tintas coloridas) e *Fissures*, e do segundo um livro de poesia em 1962.

A exposição *Mirabolante Miró* traz para Porto Alegre 172 gravuras e 25 pôsteres concebidos nas duas últimas décadas de vida do pintor. São gravuras, litografias e xilogravuras pertencentes ao acervo da Galeria Lelong, de Paris. Ao cruzar as portas, o visitante é atraído por imensos painéis, que contrastam com a paixão do artista pelo minúsculo: eles fisgam o espectador para detalhes que bóiam na imensidão, como uma mínima mão branca, gravada e perdida na superfície do monumental painel vermelho, ou a figura de um olho, negríssima pupila sobre um globo ocular extremamente verde. Os títulos das diversas séries evocam a música (*Allegro Vivace*) e outras figurações singulares da gente do mar, das aparições, da poesia, da natureza. Do conjunto, cerca de 100 gravuras são diálogos afinados do pintor com poemas de Tristan Tzara, Robert Desnos, Jacques Prévert, René Char, Yves Bonnefoy, Jacques Dupin, entre outros.

A mostra, que irá até o dia 20 de junho no Santander Cultural, contém uma jóia rara entre as pérolas do artista catalão. É um quadro exposto no segundo andar que reúne duas xilogravuras coloridas e uma estampa original. As obras foram feitas para ilustrar um texto do poeta brasileiro João Cabral de Melo Neto chamado *Joan Miró*, que versa sobre um fazer artístico que “luta de modo permanente para limpar seu olho do visto e sua mão do automático”.

Belas as circularidades eletivas: a obra de Miró inspira o poeta pernambucano, nos anos quarenta cônsul em Barcelona, a escrever um rigoroso ensaio. Por sua vez, o pintor retoma o diálogo e homenageia o amigo com três peças originais: formas circulares, estelares, asteriscos, dando a impressão de que os astros foram puxados para mais perto: “Miró tem pintado, somente, o que até hoje tem sido objeto de representação pela pintura. O que acontece é que ele apresenta esses objetos num estado de criação e de invenção que não conhecíamos. Aquela lua ou estrela não são jamais luas metafísicas ou luas de sonho. São luas e estrelas pintadas absolutamente puras de outras representações de luas ou de estrelas.”

Exercícios de um novo equilíbrio no espaço, as gravuras feitas para o texto de Cabral dão mobilidade ao círculo, confirmam o ensaio. Nelas, as figuras parecem levitar, li-



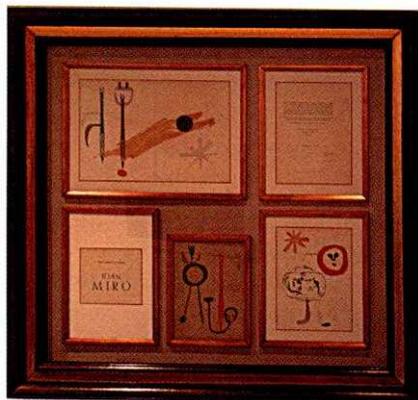
bertas do peso da representação. Já o texto cabralino identifica princípios de composição próprios da pintura de Miró, como a ausência de um centro e da hierarquia dos elementos: tais ausências propõem ao espectador uma série de fixações sucessivas, multiplicam quadros num mesmo quadro, geram uma dinâmica.

“É a esse vivo que parece aspirar a pintura de Miró. Isto é, a algo elaborado nessa dolorosa atitude de luta contra o hábito e a algo que vá, por sua vez, romper, no espectador, a dura crosta de sua sensibilidade acostuada, para atingi-la nessa região onde se refugia o melhor de si mesma; sua capacidade de saborear o inédito, o não-aprendido.”

A realização tipográfica dessas obras é de Enric Tormo em prensa manual numa tiragem de 125 exemplares todos assinados pelo poeta e pelo pintor. As que estão no Santander Cultural pertencem ao livro de número 124 e são de propriedade do casal brasileiro de colecionadores George e Monica Kormis. Estas peças são as únicas que não vêm da Galeria Lelong para a exposição *Mirabolante Miró* e foram feitas em Barcelona no dia 30 de abril de 1950 pela Edición de L’Oc.

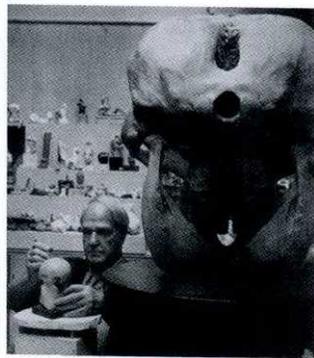
Maria do Carmo Campos
Professora do Programa de Pós-graduação em Letras da UFRGS, ensaísta e poeta

Susana Vernieri
Doutora em Literatura Brasileira pela UFRGS, escritora e jornalista



Em 1947, João Cabral de Melo Neto, diplomata no consulado geral do Brasil em Barcelona, adquiriu uma pequena tipografia artesanal e publicou poetas brasileiros e espanhóis. Escreveu um ensaio sobre Joan Miró, cujo estúdio freqüentava. Miró publicou o texto em português, ilustrado com suas primeiras gravuras em madeira. Um exemplar dessa obra, publicado em 1952, na Coleção Cadernos de Cultura do MEC, encontra-se na Biblioteca Central da PUC-RS, na seção de obras raras. A gravura à direita é da série de obras azuis e vermelhas impressas na edição. Acima, peça em exposição no Santander Cultural: a edição francesa de Joan Miró, obra publicada também em espanhol.

Henry Moore em detalhes



Retrospectiva do escultor britânico, em cartaz até 12 de junho em São Paulo, comemora o centenário da Pinacoteca do Estado.

Parece temerário propor que, diante de uma das maiores exposições de escultura jamais organizadas no país, com enormes formas plasmadas em bronze ou mármore por um dos mais notáveis artistas do século 20, alguém possa propor um olhar intimista. Mas é exatamente isto que arrisco sugerir a todos que tiverem a chance preciosa de visitar a retrospectiva de Henry Moore, em cartaz até 12 de junho, na Pinacoteca do Estado de São Paulo. A mostra será vista ainda, de junho a setembro, no Paço Imperial (Rio de Janeiro) e, de setembro até final de novembro, no Centro Cultural Banco do Brasil (Brasília).

Ao invés de cumprir a cronologia rigorosa ao longo das amplas salas de todo o andar térreo da Pinacoteca — trajeto com as 117 esculturas, 72 desenhos e 50 gravuras da maior mostra de Henry Moore jamais montada na América Latina — vá direto à sala fronteira à entrada principal. Ao fundo dela, agrupada em uma base alta, está uma coleção de pequenos objetos. Este é o vocabulário essencial de formas que o artista articulou para configurar cada uma das obras da gigantesca exposição.

Olhe com cuidado e atenção esses pequenos objetos, esse léxico de morfologias reunido sem hierarquia alguma, ecoando sinuosidades e angulações entre si. Algumas Moore simplesmente recolheu da natureza; outras, adquiriu para sua coleção de peças arqueológicas e etnográficas. Há as superfícies arredondadas dos seixos rolados esculpidos pela água. Há pedaços de madeira alisados pelas ondas. Há fragmentos de conchas e moluscos marinhos. Há as formas arcaicas essenciais de mitologias pré-colombianas e africanas. Muito, enfim, do que o escultor olhava em caminhadas ao ar livre ou no ateliê, antes de criar seus trabalhos.

Com o olho munido dessas informações introdutórias, com garfo e faca para atacar o banquete, a visita pode ser iniciada com proveito. Por qualquer ponto. Os especializadíssimos curadores britânicos da mostra que me perdoem. Isso de determinar percurso deixa de lado o essencial: arte é prazer de convívio e não aceitamos com agrado uma imposição, mesmo que bem intencionada pelo didatismo.

Observar uma obra é muito mais do que simples questão de cronologia. É percurso pessoal na busca de nexos internos ao trabalho observado. É também a atenção posta no que isso ressoa dentro de você. Ordem unida é bom para desfile militar. A percepção artística está do lado de quem teima em afirmar a própria cadência de passos, mesmo que contrária à praticada por todos os demais. E nem é preciso lembrar a famosa frase de Mário Pedrosa, para quem “a arte é o exercício experimental da liberdade”.



Acima, à esquerda, crânio de elefante, Moore e o gesso da Maquete para peça atômica, 1964.

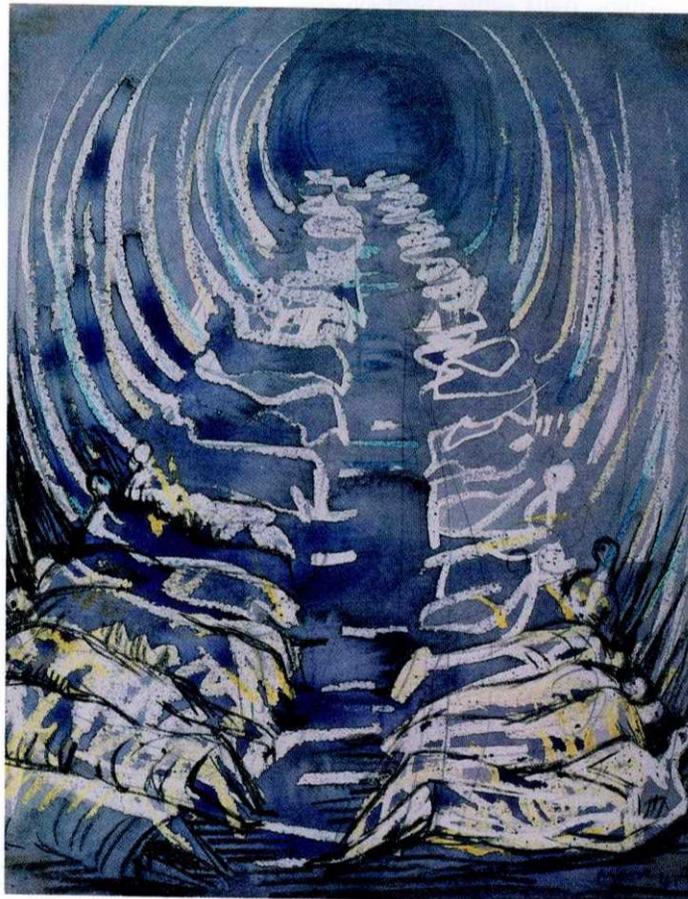
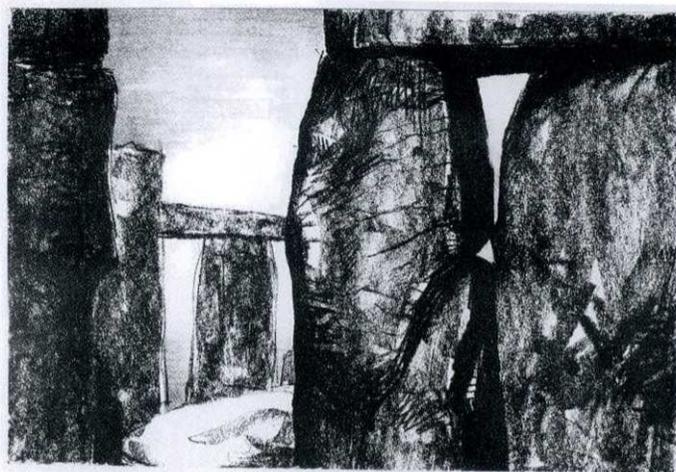
Ao lado, Modelo para forma vertical interna/externa, bronze, 1951

De uma forma ou de outra, chegaremos a outro detalhe essencial: os belos e comoventes desenhos em que o escultor, com notável desenvoltura gráfica, anota cenas dos moradores de Londres escondidos em soturnos abrigos antiaéreos, durante os intensos bombardeios da aviação nazista. Também impregnado de compaixão, um desenho trata de outra tenacidade subterrânea: a dos mineiros de carvão.

Costuma-se associar a obra de Henry Moore (1898-1986) a três vertentes modernas que determinaram boa parte da produção visual do século 20: cubismo, surrealismo e expressionismo. Esses rótulos não conseguem abarcar a síntese autoral promovida por esse gigantesco talento, fundador da tradição escultórica britânica. Antes dele, a Inglaterra não tinha qualquer expressão digna de nota nesse quesito. No seu rastro, existem hoje nomes de prestígio como Richard Long e Tony Cragg. Sem falar nas ácidas irreverências conceituais que animam a nova geração de artistas britânicos, desde os anos 1990 projetada com força sobre a cena contemporânea internacional.

A retrospectiva de Henry Moore é o primeiro evento da série que celebra, este ano, o centenário da Pinacoteca. É também a principal atração entre as comemorações dos 60 anos do British Council. Antes de mais nada, uma festa visual de primeiríssima grandeza.

Angelica de Moraes
Jornalista Cultural



De cima para baixo:
Stonehenge IV, gravura, 1973;
Perspectiva do Abrigo do Metrô,
desenho, 1941;
Modelo para Fio de faca
duas peças, bronze, 1962.

Os trabalhos ilustrados nas
páginas 6 e 7 foram
reproduzidos com autorização
da Henry Moore Foundation.

Veja em POA

Erico, Vida e Obra

Centro Cultural CEEE Erico
Veríssimo, até 3 de julho

Janice Copetti Michelin

Espaço Arte Garuda,
até 3 de junho

Mapeamento das Artes Visuais no RS – 65 artistas

Armazém A6 do Cais do Porto,
até 12 de junho

O Laboratório Transparente, ou uma metáfora para a pintura –

Eduardo Vieira da Cunha
Galeria Gestual, até 7 de junho

Posturas – Denise Stumvoll

Galeria Lunara (Usina do
Gasômetro), até 5 de junho

Três Artistas

Contemporâneos – Leandro

Selister, Marta Penter e
Rodrigo Nuñez
Galeria de Arte da Fundação
Ecarta, até 30 de junho

7

Veja no Brasil

Algun Desenho –

Cildo Meireles
CCBB Rio Janeiro,
até 3 de julho

Antoni Tàpies –

CCBB Brasília, até 26 de junho

Ausência e Presença em Gameleira do Assuruá –

Bené Fonteles
Museu Oscar Niemeyer (PR),
até 26 de junho

Interferência – Leonardo

Costa e Denílson Machado
MAC Niterói – MAC,
até 16 de junho

Objetos – Farnese de Andrade

CCBB São Paulo, até
19 de junho

Uma retrospectiva/Brasil

2005 – Henry Moore
Pinacoteca do Estado de SP, até
12 de junho

DEPOIMENTO

A artista e professora Cristina Balbão, 88 anos, compartilhou com a pintora e desenhista Alice Soares (1917-2005) um longo tempo de amizade e projetos. Conheceram-se no Instituto de Artes e participaram juntas da consolidação do ensino superior de arte em Porto Alegre, da fundação do MARGS e da Escolinha de Artes da UFRGS. Enquanto Alice ensinava desenho, Cristina contava histórias para as crianças; cenas estas, olhares e personagens que, às vezes, transformavam-se em desenho e pintura. Companheiras de viagens - Rio de Janeiro, São Paulo, Paris -, e de vários amigos em comum, contribuíram ao seu modo para transformar a capital gaúcha numa referência cultural. Um dia Alice prometeu para Cristina: “até velhinhas, não perderemos uma peça de teatro...” Neste depoimento, parte gravado, parte escrito, Cristina Balbão relembra a amiga e confessa a saudade de sua brejeirice.



Desenho II, crayon e sangüínea sobre papel, 1977.

O brejeiro olhar de Alice

Alice era alegre, humorista, espirituosa. Não só no vestir. Era discreta e elegante. Na Bahia, além do primo Dorival Caymmi, tinha vários amigos. Clarival Valadares, hoje um historiador importante, era um deles. Referia-se a ele como “meu amigo Clarival” e gravava todas as suas palestras lotadas. Wilson Rocha, crítico de arte e poeta, que faleceu em 18 de fevereiro deste ano, era outro. Possuía uma ternura especial por ela e por Dorival Caymmi. Dedicou dois de seus poemas a Alice, a quem chamava de “irmã-amiga”.

O Rio e o Vermelhinho

Lembrei-me da brejeirice de Caymmi... Alice tinha esse jeito. Com aqueles olhos grandes transmitia uma pitadinha de malícia, era encantadora. Essa brejeirice se revelava mesmo nas viagens. Ao conhecer pessoas, fazia trocadilhos na hora. Era capaz de, pela palavra, transmitir um bom humor incrível. E também através do desenho, como este que tenho aqui do Vermelhinho (ao lado), no Rio de Janeiro. Esta de costas seria ela, e eu estou atenta à porta, pois havíamos combinado com Pancetti para conhecê-lo e ver suas obras... Depois das cinco da tarde, o Vermelhinho ficava lotado, uma grande quantidade de cadeiras em torno de pequenas mesas... O desenho de Alice retrata o momento: eu não tirava os olhos da porta a esperar Pancetti... “Será que ele virá?”, me perguntava... Na mesa ao lado estava sentada Djanira, pintora muito conhecida e extrovertida. Ela tinha uma natureza morta que retratava uma talhada de melancias. De repente ela abre a boca, que era bastante grande,



e tive a impressão que iria me engolir! Djanira era bem o oposto de Alice... enfim nos divertíamos bastante.

Ela estava sempre atenta. Se viajávamos de transporte coletivo, ela tinha sobressaltos quando via os transeuntes descuidados tentando atravessar a rua. A sensibilidade, preocupação humana e os olhos de Alice, sempre vivos, que não perdiam nada, eram pontos muito específicos dela.

Cinema e carnaval, Porto Alegre e Paris

Aqui não perdíamos o cinema francês - *A bela e a fera*, *Orfeu*... curtíamos o que havia de bom na pequena Porto Alegre. Lembrome dos carnavais, de

Alice sentada no topo do banco traseiro dos carros conversíveis, usando máscaras, provocando reações... Ela era astuciosa, realmente magnética, uma pessoa com grande energia. Em Paris, freqüentávamos o teatro, quer clássico, tradicional ou moderno. Estivemos também nos Castelos do Vale de Loire, em ateliês de artistas franceses e na cidade de Bordeaux. Com as excursões culturais, promovidas pelo Dr. Tasso Corrêa,



De cima para baixo:
Cristina Balbão e Alice Soares em excursão no Rio, 1949 (sentadas, segunda e terceira, da esquerda para a direita).

Turma de alunas canta Caymmi em Paris (Alice e Cristina atrás, em segundo plano, da direita para esquerda).

Alunos da Aliança Francesa em frente à Prefeitura de Paris, 1953.



na época diretor do Instituto de Arte, aprendemos a viajar.

O governo dava aos formandos auxílio para viagens. Pegava-se muito os navios chamados Itas, num passeio agradabilíssimo. Acompanhamos alunas ao Rio de Janeiro, em 1949, e lá conhecemos coleções de botões de vestes em marfim e cabos de guarda chuva femininos (de porcelana pintada) colecionados por Abelardo Rodrigues. Fomos também a Buenos Aires e a São Paulo, onde visitamos a Bienal e a residência de Pietro Maria Bardi e esposa, a arquiteta Lina Bo Bardi. No Museu, em 1951, vimos a inauguração da TV.

A voz e o rádio

Alice tinha uma voz melodiosa, cantava com expressão as *Canções do Mar*, de Caymmi. Ensaíamos músicas durante toda a travessia de navio rumo à França, em 1953. Na recepção aos alunos da Aliança Francesa, em Paris, cantamos Caymmi e Pixinguinha, com um grupo de nordestinas, cariocas e paulistas. Ao chegarmos a Bordeaux fomos levadas a uma emissora de rádio para gravar...

Pelo lado materno, Alice tinha origem basca. Um primo intelectual, de Montevideo, recomendava Rubén Dario... Líamos Amado Nervo com paixão! Lembro-me de uma livraria, na

esquina da rua Riachuelo, que vendia livros em espanhol, com os quais sempre

nos presenteávamos. Também assistimos em Paris um espetáculo de teatro que homenageava os países bascos... Em outra ocasião, visitamos os bastidores da Ópera de Paris, num espetáculo comemorativo de aniversário.

A família

O pai de Alice, Dr. Deodoro Soares, formou-se aos 23 anos, em Salvador. Como veterinário, instalou-se no Rio Grande do Sul. Alice nasceu em Uruguaiana, era a filha mais velha de um segundo matrimônio. A família era muito unida, mesmo morando longe. Tenho, do pai de Alice, uma tradução de um poema original do francês, uma tarefa nada fácil... Esse era o ambiente no qual vivia Alice, que foi aluna do Colégio Sévigné. Lembro-me de ela ter me levado à biblioteca do pai e das suas coleções de revistas literárias francesas.

Acho que as quatro sobrinhas, filhas da meia-irmã Deodora, influenciaram muito o trabalho de Alice. Tenho guardado comigo o rosto de uma delas, que conheci ainda pequena, com uns quatro anos, e hoje já está crescida... Esses dias a vi, saindo do Teatro da Ospa. Quando lhe sorri, e ela sorriu de volta, saltou aquela covinha, naquele rosto

brejeiro, uma expressão linda que deve ter inspirado Alice em muitos de seus desenhos de meninas...

As velhinhas

Lembro ouvir de Alice uma frase que, na época, senti que não iria acontecer: "até velhinhas iremos ao teatro". Isso acabou não ocorrendo, eu continuei indo, mas Alice, há algum tempo, só andava de táxi, com o auxílio de sua bengalinha e a companhia da irmã Julieta.

Agradeço muito a Alice pelo nosso encontro. A alegria dela certamente permanece em todos que a conheceram. Eu vou sentir eternamente a falta de minha companheira de quarto nas viagens. E também dos olhos de Alice...

Cristina Balbão
Artista plástica e Professora
Edição
Cybeli Moraes



Sem título, litogravura, 1988

Nós sabemos que é uma grande perda, insubstituível, tanto como Mestra que foi, como pelo papel importante e relevante de sua obra na história da arte do RS. Acrescente-se a isso que, para nós que fomos seus alunos, a convivência com ela sempre foi exemplar, pela seriedade e respeito no seu trato com os alunos, pelo incentivo estimulante de suas orientações e, mais que tudo, pela generosidade da doação como Mestra. Sim, uma perda irreparável.

Carlos Alberto Lopes Mayer,
ex-aluno de Alice Soares
Rio de Janeiro, 30 de março de 2005

Alice Soares foi desenhista e pintora, professora do Instituto de Artes da UFRGS. Participou da I Bienal de São Paulo em 1951, ganhou prêmios em diversos salões e manteve uma presença constante no circuito artístico do Sul. Fundou e dirigiu a Escolinha de Artes da UFRGS. Líricas ou dramáticas, as meninas de olhos expressivos são a marca inconfundível de seu trabalho. Dividiu durante 40 anos o ateliê de criação com a pintora Alice Brueggemann (1917-2001) na rua Riachuelo.

A vocação monumental de Antônio Caringi

No dia 18 deste mês completa-se o centenário do pelotense Antônio Caringi, o maior estatuário do Rio Grande do Sul. A maioria de suas obras, no entanto, não se encontra em nenhuma instituição museológica, uma vez que é nos monumentos que verdadeiramente se materializa sua contribuição à história da arte. Nas ruas, praças, parques e cemitérios da capital gaúcha, localizam-se suas obras mais importantes.

A vocação artística de Caringi, que somente teve apoio por parte de sua tia Hermínia, se manifestou ainda durante a sua infância. Antônio Caringi fez o primário e o ginásio em Bagé. Em 1918, mudou-se para Porto Alegre onde se graduou em ciências e letras. Voltou para Pelotas em 1920 e, em 1923, novamente retornou à capital, chegando a cursar, por pouco tempo, química industrial na Escola de Engenharia. Sua primeira

mostr

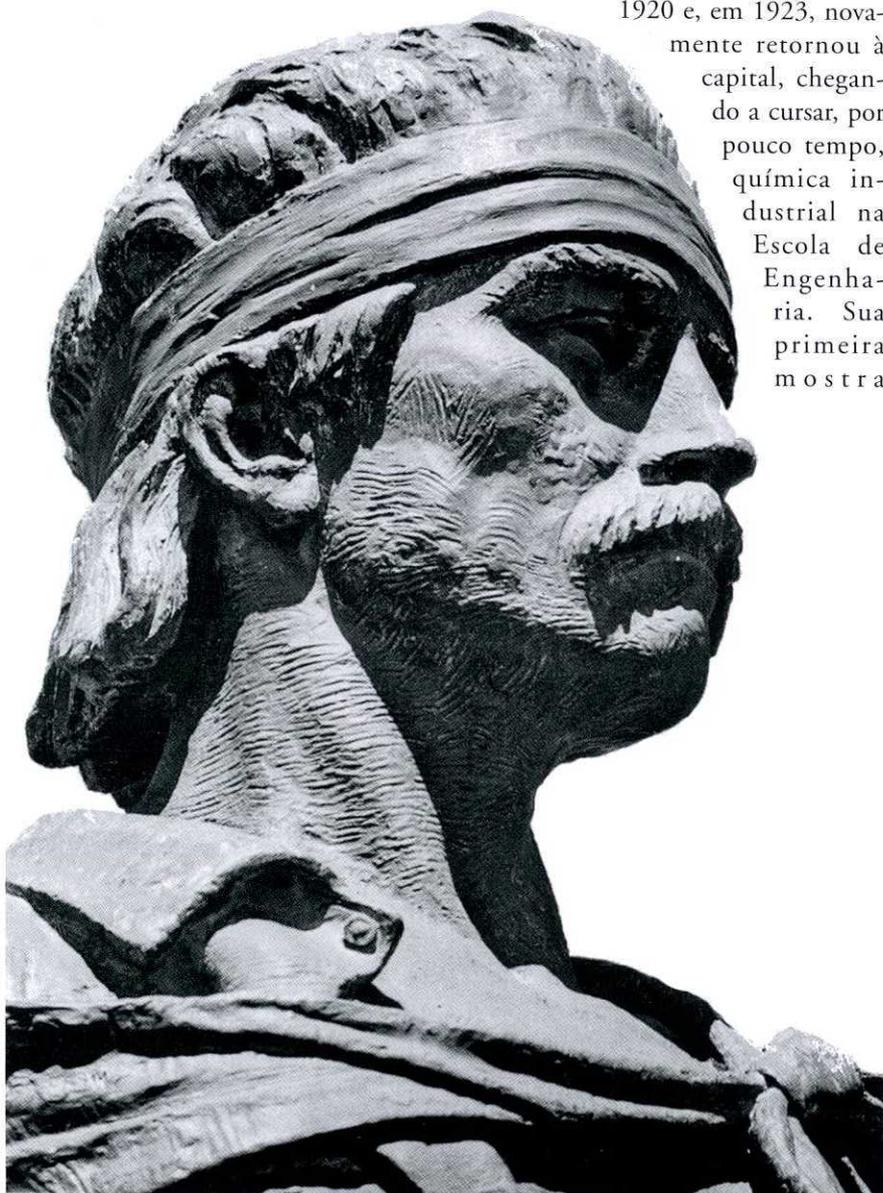
significativa foi o Salão de Outono de 1920, no qual apresentou um busto de sua irmã, a profa. Hilda S. Caringi. Em 1928, foi à Europa para ser adido consular em Munique. Lá, aproveitou para estudar arte: foi aluno de Hans Stangl e ingressou na Academia de Belas Artes, sendo aluno de Hermann Hahn. Mais tarde, especializou-se em plástica monumental. Estudou também em Berlim, com o célebre escultor Arno Breker.

No segundo semestre de 1934, Caringi voltou temporariamente ao Rio Grande do Sul, com vistas ao concurso do monumento a Bento Gonçalves, previsto para a Exposição Internacional do Centenário Farroupilha. Depois de uma concorrência bastante tumultuada, na qual somente uma segunda comissão de seleção se pronunciou, o seu projeto foi o escolhido. Assim, o artista voltou à Alemanha para modelar a obra, e, posteriormente, vertê-la para o bronze, nas fundições Noack, em Berlim. Ao mesmo tempo, também foi executada a estátua de um gaúcho bombeador, o Sentinela da Pátria (apontada erroneamente em algumas publicações como sendo Sentinela Farroupilha, inaugurada em Pelotas, em 1936). Já a estátua de Bento Gonçalves, foi desvelada somente no encerramento da Exposição Farroupilha, em 16 de janeiro de 1936.

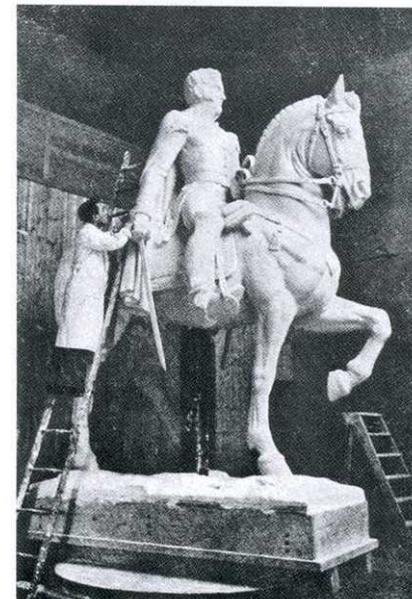
Sua primeira exposição individual aqui, em junho de 1936, na Biblioteca Pública, redundou de todo esse sucesso. Na ocasião, foi publicada sobre sua obra uma pequena brochura ricamente ilustrada. Em 1940, Caringi regressou definitivamente para Pelotas, casando-se em 1942, com Noemy de Assumpção Osório, bisneta do Marechal Manoel Luiz Osório; em seguida, começou a lecionar na antiga Escola de Belas Artes de Pelotas, posteriormente

incorporada à universidade (atual UFPEL), onde foi o fundador da cadeira de Escultura, em 1952. Em 1945, a partir de um prêmio da Sociedade Felipe d'Oliveira (Rio de Janeiro), foi publicado o mais importante livro sobre sua obra, no qual consagra-se a predestinação do artista — a vocação para o monumental. Boa parte de seus projetos são, em verdade, estudos para grandes obras ao ar livre. Lá, se encontram as reproduções de seu maior projeto — O Pacificador. Tratava-se de um suntuoso Monumento ao Duque de Caxias, vencedor de concurso realizado em maio de 1944, por iniciativa do Instituto Histórico do Rio Grande do Sul, cuja pedra fundamental foi lançada em 1º de março de 1945, no Parque Farroupilha. A obra, porém, jamais foi realizada; se executada, seria um dos maiores monumentos das Américas. Ainda hoje, resta da imensa maquete o modelo da estátua equestre de Caxias, no Museu Júlio de Castilhos.

Um dos maiores monumentos realizados por Caringi, o Monumento ao Expedicionário, foi muito criticado, mas sem razão. Venceu um pseudo-polêmico concurso, em 1946, do qual participaram, também, Fernando Corona e Vasco Prado. Muitos condenaram o fato do arco triunfal (exigido no edital) de Caringi ser bipartido, ao contrário dos arcos clássicos, que possuem número ímpar de portas; mas a intenção foi justamente a de criticar esta forma clássica (o arco triunfal), intimamente ligada ao poder autocrático, com uma construção de dois arcos iguais, numa clara



Nesta página, detalhe de *O Lçador* (obra de 1958) e Caringi esculpindo a estátua de Bento Gonçalves. Na página ao lado, o escultor na Alemanha, em 1935; esculpindo a *Sentinela da Pátria* (obra de 1936) e detalhe de *Bento Gonçalves* (1936).



apologia à igualdade. O monumento foi inaugurado muito depois, em 16 de junho de 1957, no Parque Farroupilha.

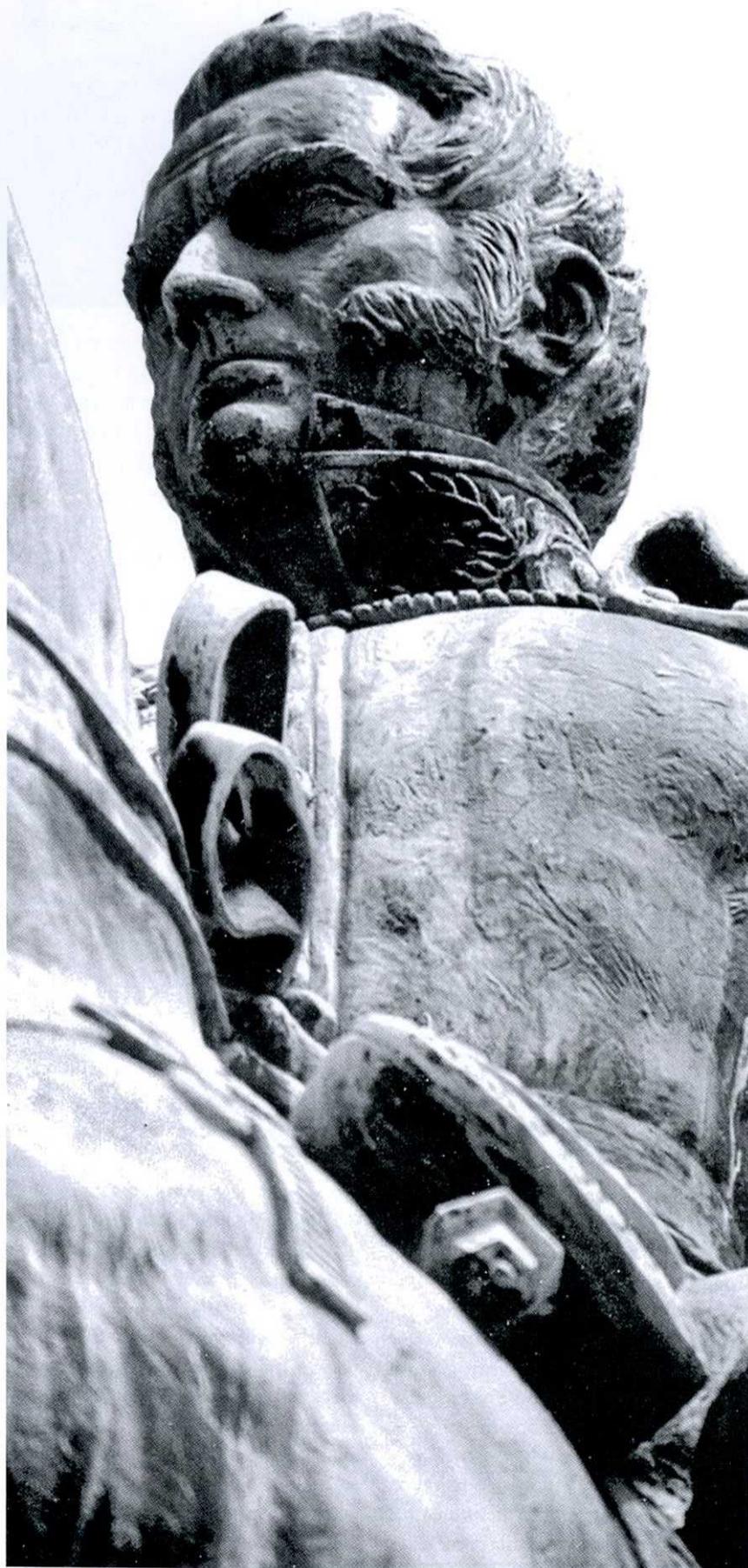
Entre os inúmeros monumentos de Caringi localizados ao ar livre no Brasil, cujo inventário o presente autor está realizando, a grande maioria se encontra no Rio Grande do Sul. Seu mais conhecido trabalho é, sem dúvida, O Laçador, inicialmente feito em gesso para a cidade de São Paulo, em 1954, e inaugurado em bronze, no Largo do Bombeiro, em 20 de setembro de 1958, sendo *eleito* “símbolo de Porto Alegre”, em 1992. Também na capital gaúcha, num outro terreno em que o artista também atuou com profusão, a estatuária cemiterial, destacam-se os monumentos tumulares de Aparício Cora de Almeida (Cemitério São Miguel e Almas, 1937), Maurício Cardoso e Daltro Filho (Cemitério da Santa Casa, 1941-42). No interior, é importante ressaltar, além do já mencionado Sentinela da Pátria, o Monumento Nacional ao Imigrante (símbolo de Caxias do Sul), inaugurado pelo presidente Getúlio Vargas, e o Monumento ao Coronel Pedro Osório, em Pelotas, ambos em 1954. Em Santa Catarina, o destaque é a estátua de Anita Garibaldi, fruto de concurso nacional, inaugurada em 19 de setembro de 1964, em Laguna.

Por tudo isso, com uma obra voltada para o heroísmo idealizado e, por vezes, estereotipado — fruto dos seus estudos sob rígidos padrões germânicos no conturbado período de 1933-1945 —, Caringi encontra-se entre os artistas mais premiados do

Rio Grande do Sul. Seu último trabalho inaugurado ao ar livre em Porto Alegre, a cabeça de Raul Pilla (1977), foi furtado recentemente (2004), dado ao abandono do qual os monumentos em Porto Alegre têm sido vítimas.

A intensa produção de estátuas de Antônio Caringi para o espaço público, com questões formais avessas à discussão teórica de seu tempo — o acirrado debate *abstração versus* *figuração* —, não pode, por isso, ser esquecida, nem minimizada sua importância como artista. Sua relevância como tal deve ser entendida ainda em relação a outros escultores de seu período que fizeram opções similares, dos quais podemos destacar os paulistas Hildegardo Leão Velloso (1899-1966) e Humberto Cozzo (1900-1981?).

José Francisco Alves
Professor de escultura do Atelier Livre da Prefeitura de Porto Alegre, autor do livro *A Escultura Pública de Porto Alegre – história, contexto e significado*. Curador-Assistente da 5ª Bienal do Mercosul.



Casa, família e obra de arte

O ateliê do escultor gaúcho Félix Bressan fica na rua Demétrio Ribeiro, no centro de Porto Alegre, numa casa que um dia já foi do pintor Júlio Gravonski. Ferros, esculturas, modelos, resinas convivem com crianças no pátio, família, cheiro de café e de cebola frita.

Nos museus, nas salas de exposições e nos espaços de arte, as esculturas de Félix Bressan transmitem um sentimento perturbador. São grandes estruturas articuladas de ferro algo *jurássicas*, garras com dedos pontiagudos de forçado brotando da terra ou formas corporais rígidas aparentadas com artefatos de tortura. Mal sabe o impressionado observador que o escultor as cria em um ambiente doméstico, mais precisamente no pátio interno de uma casa octagenária que recende a café recém passado e cebola frita, entre amoreiras, laranjeiras e abacateiros, cercado por cães e gatos, assediado por um filho que mal trocou os dentes de leite.

O ateliê de Félix Bressan não é um sacrário. Faz parte do cotidiano da família. Descendente de italianos, ele gosta de reunir o grande clã nos fins de semana. Para impedir as crianças de se ferirem nas arestas e barras pontiagudas das esculturas, cobre-as, sem cerimônia, com cadeiras de plásticos, destas típicas dos botecos.

O local, porém, foi escolhido com meticulosa paciência, após vários anos de busca. Construídas em 1927 e 1934, as casas gêmeas da rua Demétrio Ribeiro, 535, com suas paredes amarelas e janelas em arco com vidros verdes, são listadas pelo patrimônio histórico. Cargam também uma espécie de sina artística, pois pertenceram a outro artista, o pintor paulista Júlio Gravonski, já falecido. Quando Bressan e sua mulher Cristina Ferrony a descobriram, era habitada pela filha de Gravonski, Waneti, então já bem idosa. Foi um longo namoro. Os Bressan esperaram seis meses até que ela encontrasse outra moradia e, enquan-

to isso, filmaram e fotografaram o local. Cristina, que trabalha com restauração, é a orientadora oficial da reforma.

Há mais de ano a casa-ateliê está em obras. Mas os espaços já foram demarcados e a rotina estabelecida sem dramas. A parte mais antiga da construção virou moradia do casal. A outra casa, de dois andares, 4,5m X 11m, é o ateliê de Bressan, que acolhe três estagiários. O pátio transformou-se em área comum, onde se trabalha ou lagarteia ao sol, fiscalizando as peripécias de Giuliano, um pequeno ser em constante movimento, capaz de transitar sem um arranhão entre as esculturas do pai.

Bressan gosta de deixá-las assim, ao relento, e vê-las cobrirem-se pouco a pouco com a ferrugem, que assume tons diversos, de acordo com o tempo e com o tipo de ferro utilizado na fundição. “Elas ficam amadurecendo”, costuma dizer. Por longo tempo quase esquece delas, ainda inacabadas e ancoradas em algum canto do pátio. Um belo dia lhe parecem novas, únicas e surge a idéia. Então, acrescenta ou retira elementos.

No pátio, o escultor construiu um fundo infinito em uma das paredes mas nunca o pintou porque não vê muita utilidade, embora fosse um antigo sonho. Outra velha fantasia de Bressan era a de adquirir prateleiras especiais com gavetas organizadas para guardar as milhares de quinquilharias miúdas – parafusos, porcas, pregos, galhinhos, ro-lhas - armazenadas. Comprou mas nunca usou o móvel. Preferiu prosaicas garrafas plásticas de refrigerante serradas ao meio: “São transparentes e a gente pode ver o que tem dentro”, explica com a habitual simplicidade.

Ferramentas, tem de todo o tipo, razoavelmente organizadas em painéis. Pedacos de bicicleta e artefatos domésticos, ancinhos desmontados, parafusos com mais de metro de comprimento, manequins de resina, tintas, lixas e uma parafernália inclassificável abarrotam as prateleiras de madeira rústica. O espaço parece irretocável, mas ele prefere o pátio arborizado e com um piso central de mosaico antigo. Não tem vocação para o isolamento: “Cheguei a cogitar fazer um ateliê em um moinho antigo perto da Universidade de Caxias do Sul, onde eu leciono, mas desisti”.

Ele admite que o fato da casa ter pertencido a um artista, antes dele, pesou na escolha. “Ainda quero ter aquela placa de porcelana ao lado da minha”, brinca, referindo-se a uma placa onde seu antecessor gravou: *Gravonski – artista pintor*. Anos atrás o objeto foi roubado por moleques que tiveram a bola confiscada pela mulher do pintor, muito zelosa com seu jardim. Enterrada na praia do Guaíba, foi encontrada anos depois por vizinhos e entregue a Waneti Gravonski. Mas ela já prometeu deixá-la como herança para o casal, com quem mantém boas relações até hoje.

Além da mágica herança artística, porém, outros fatores pesaram na escolha da casa, informa o escultor. “O pátio é bom, tem garagem e está localizada em uma zona central que, ao mesmo tempo, é muito interiorana. Tenho caderneta no armazém, compro fiado na ferragem e existe um sapateiro bem na frente”, resume.

Rosina Duarte
Jornalista

Fotos de Amílcar Pinto

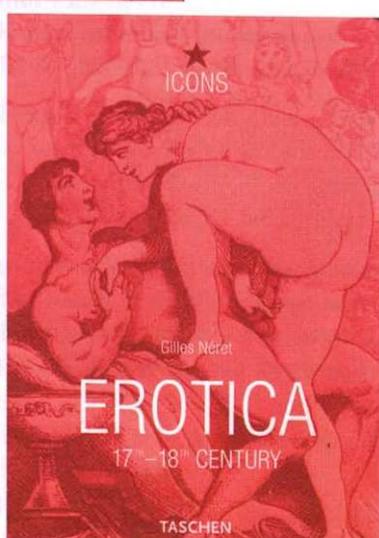
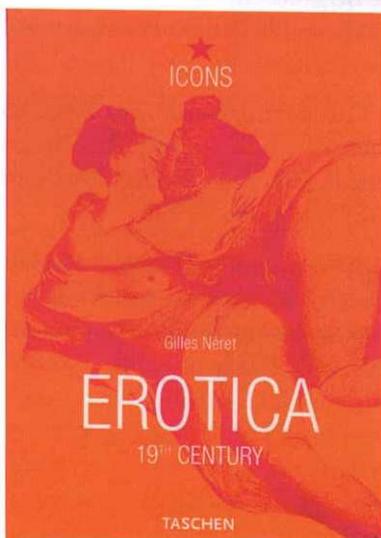
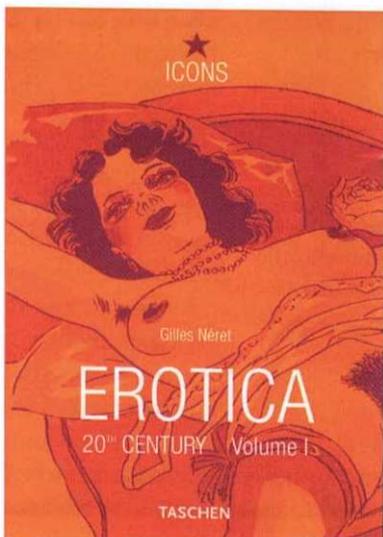


LEITOR

Para descobrir a arte erótica

Há diferentes estilos e esboços, há intenções permeadas de nus e nuances, há cenas coloridas e calores escondidos. Há a vontade de transgredir e também o desejo de agredir. E ainda a sensação mágica de provocar a subversão dos sentidos. Tudo isso na arte erótica. O primeiro museu totalmente voltado para o tema é o Museu de l'Eròtica Barcelona que fica, é claro, em Barcelona. Ou no seu computador, já que o *tour* também pode ser virtual. Dê uma de *voyeur* e espie em www.erotica-museum.com. O design do site é moderno e muito fácil da gente navegar. No link *Filosofia*, descobrimos que o objetivo do museu é apresentar o desenvolvimento do erótico através de diversas facetas artísticas e culturais do ser humano, não apenas nas artes plásticas, mas também na antropologia, arqueologia e literatura. Mas o mais interessante é dar uma olhada nas obras de arte, link *Galeria*, ou descobrir que é possível entrar em contato com alguns artistas que doaram suas peças para o museu. Saindo do virtual, entrando no palpável, mas permanecendo no erótico, a dica é a coleção sobre *Ícones da arte erótica* da editora Taschen, organizada por Gilles Néret. Eu tenho os quatro volumes na minha prateleira e recomendo, pois além do conteúdo de alta qualidade, a edição é linda de corpo. Os textos de introdução abordam as diferentes épocas apresentadas em cada um dos quatro livros. O primeiro volume traz pinturas do século 17 e 18 – de Rembrandt a Fragonard. O segundo, sobre o século 19, mostra a arte de Coubert a Gauguin. O terceiro e o quarto apresentam a arte erótica dos principais artistas do século 20, entre eles Rodin, Picasso, Klimt, Dalí e Crumb. É arte erótica para todos os gostos, libidos, pirações e inspirações.

Paula Taitelbaum
Escritora



Você está vendo o carro dos próximos anos.



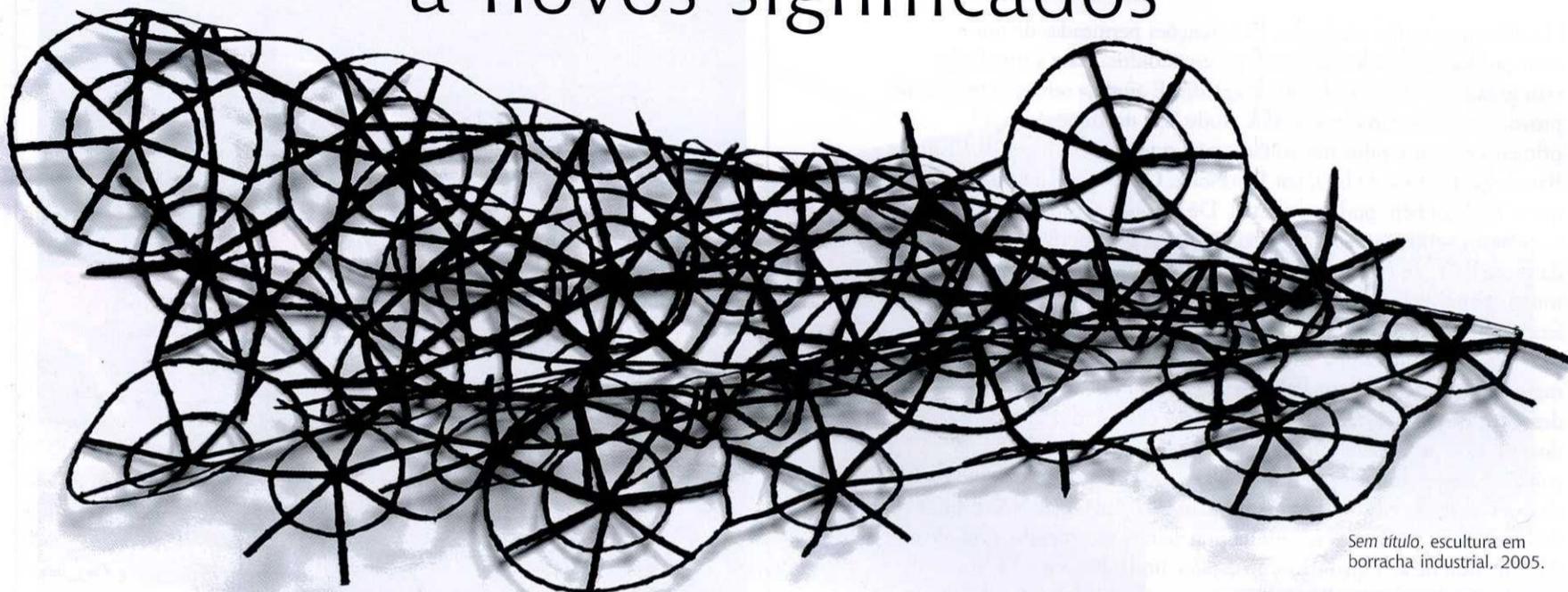
SEM OCHILNY

Pátio de sucata da usina Gerdau Ameristeel Jackson - Tennessee - EUA

A preocupação da Gerdau com o meio ambiente vai desde a separação da sucata até investimentos em modernos equipamentos e processos para a gestão ambiental. Por ano, cerca de 11 milhões de toneladas de sucata ferrosa são transformadas em produtos siderúrgicos para os setores da construção civil, da indústria e da agropecuária. Fazendo a sociedade ganhar em crescimento e desenvolvimento. E em muito mais verde.



De resíduos a novos significados



Sem título, escultura em
borracha industrial, 2005.

Otto Sulzbach apresenta seu trabalho mais recente nas Salas Negras

A utilização de um material que viraria lixo permitiu ao artista Otto Sulzbach trabalhar com o próprio estranhamento do público, levantando um questionamento sobre o que é ou não familiar. O uso da borracha industrial sobreposta e emoldurada é uma subversão ao contexto original da matéria-prima.

Partindo de estudos sobre volumes, o escultor de Palmeira das Missões apresenta seu mais recente trabalho nas Salas Negras do MARGS, que abrigam, até o dia 29 de maio, quatro painéis e uma instalação. O público poderá apreciar quadros escuros, que pedem um

olhar atento e próximo. No espaço maior, a borracha ganha forma, assemelhando-se a aranhas que percorrem a sala. Mas será que são aranhas? A conclusão é do espectador. Os resíduos de uma indústria automobilística são transferidos para a sala de exposição: o objeto está fora do seu contexto inicial e por essa razão adquire novos significados.

Otto Sulzbach afirma que na sua pesquisa é notória a união entre as artes *povera* (pobre, em italiano) e minimalista, duas correntes que foram populares na década de 60. Segundo o jornalista e curador de Arte Décio Presser, o trabalho de Otto está abrindo um canal mais contemporâneo na área da escultura no Rio Grande do Sul, com a união de formas e volumes simples dentro de uma linha que provoca e

aguça a imaginação - além de proporcionar flexibilidade ao tato.

O uso da borracha surgiu como uma maneira de reaproveitar um material monocromático, com aparência abstrata e irregular. Segundo o artista, esse resíduo industrial faz referência direta entre o impacto do homem na natureza e sua relação com o mundo natural. Os painéis de borracha funcionam, então, como uma teia ou mesmo uma rede individual, com algumas características aparentemente semelhantes, unidas e em movimento.

Janine Mogendorff
Equipe do JM

NOVIDADES DO CAFÉ O Café do MARGS exibe seu novo conjunto de louças em uma mostra da fotógrafa Rosa Bastos, lançada no último dia 11. Rosa expõe, até 3 de junho, aproximadamente 15 fotografias em preto e branco das novas xícaras, pires, pratos e copos do Café. Na seqüência de mostras do espaço, a artista plástica Yonne Bergamaschi apresenta, a partir de 4 junho uma série de pinturas a óleo. O evento, que tem o apoio cultural do Instituto Rohde, será lançado com a tradicional feijoada do Café. Aberto de terças a domingos, das 10h às 19h. Fone: (51) 3227-3712.

MÚSICA NO MUSEU A atração do mês de junho é o violonista argentino Eduardo Castañera, indicado, em 2003, ao prêmio Açorianos na categoria melhor CD de música erudita. O projeto *Música no Museu* é uma iniciativa da Branco Produções, que prevê a realização de recitais e concertos no MARGS, sempre com entrada franca. As apresentações têm registrado um público de mais de 100 espectadores a cada show. Saguão do MARGS, dia 25 de junho, às 17h.

DICA DE LIVRO Renata Rubim, responsável pela introdução do termo Design de Superfície ou *Surface Design* no vocabulário brasileiro, lança seu primeiro livro. *Desenhando a superfície* (Editora Rosari, R\$ 33,00) faz parte da coleção Textos Design e traz um depoimento de Renata sobre sua experiência pessoal e profissional em seu escritório. O livro pode ser encontrado na Loja do MARGS. Aberta de terças a domingos, das 10h às 19h. Fone: (51) 3228-8533.

Anima italiana

MARGS exhibe, a partir de 7 de junho até o final de agosto, uma exposição comemorativa aos 130 anos da imigração italiana

Em 130 anos de presença dos italianos no Brasil, muito se fez em múltiplos setores da sociedade. Isso é sabido e testemunhado ampla e finamente no cotidiano do país, pois a vida, dinâmica, exigiu exaustivamente de todos, na passagem do tempo, nas urgências e, certamente, nas carências coletivas, dos que aqui já viviam e dos que chegavam para reconstruir suas vidas.

Os tempos foram duríssimos para aqueles primeiros imigrantes, porém a história os aponta como vencedores, acima de todas as vicissitudes e de todas as iniquidades. Esse é um bom papel e melhor ainda terá sido a sua contribuição na área cultural e, especialmente, na área das artes plásticas, como protagonistas que foram com suas contribuições e como organizadores do pensamento artístico e realizadores do fato cultural na modernidade brasileira. Os que primeiro chegaram ocuparam terras e cidades, eram a mão de obra que se fazia necessária, mas também foram os pequenos proprietários, os artesãos que se refinaram e possuíam um conhecimento ancestral e atávico de uma comunidade corajosa e conquistadora. Exerçeram sua curiosidade e mobilidade em todo o país, ocupando seus espaços, especialmente na área artística, que praticamente inexistia salvo a imitação das vetustas academias de pintura.

Quando observamos a presença dos artistas italianos e seus descendentes, testemunhamos que eles se fizeram presentes em praticamente todos os movimentos, mesmo quando não existiam os museus e sequer os locais adequados para exposições, pela ausência de setores culturais orquestrados. Tudo teve que ser feito, criado, polemizado, confrontado e, em quase todos os casos, eles deram a sua colaboração crucial. Foi assim na Semana de Arte Moderna e, posteriormente, com o episódio abrangente da Segunda Guerra Mundial, quando por aqui chegaram outras cabeças e outras culturas já formadas.

As contribuições culturais se fizeram ainda mais consistentes. Foi o grande momento de Pietro Maria Bardi, que vem a apontar os caminhos de formação dos museus modernos, da constituição de seus acervos e de sua cultura museológica de coleção, organização didática, de conservação e preservação, com as características que vemos hoje em todo o Brasil. Ele o fez com muita audácia e criou o MASP em São Paulo, selecionou e organizou o seu portentoso acervo, até hoje incomparável na

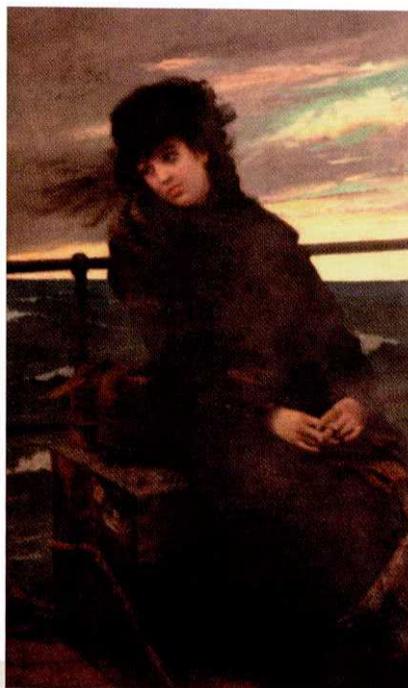
América Latina. Nesse conjunto de artistas, presentes no MASP de primeira hora, estavam nomes como o de Cândido Portinari, de Ernesto De Fiori, de Anita Malfatti, de Menotti Del Picchia.

Nessa trilha construiu-se uma novíssima cultura museológica no Brasil. Não é simples coincidência que o MARGS tenha sido fundado há cinquenta anos, em Porto Alegre, justamente por um artista, Ado Malagoli, ele também de descendência italiana (e que hoje soma o seu próprio nome ao do Museu). O importante Museu de Arte do Rio Grande do Sul Ado Malagoli reúne em seu acervo um número expressivo de excelentes artistas, alguns italianos, muitos descendentes de italianos, nomes de reconhecimento nacional e obras de primeira grandeza que poderiam estar presentes em qualquer grande museu do mundo. São essas obras que compõem o núcleo da mostra *Anima italiana*, revelando um fino conjunto que se ordena cronologicamente e, não por acaso, reúne artistas que construíram suas carreiras ou as desenvolveram profundamente nesta região sul, ratificando e confirmando atuações potencializadoras de seu pensamento artístico. A arte como *cosa mentale*, como propôs certa vez, um outro italiano célebre. Entre essas obras significativas na coleção do MARGS, encontraremos a pintura de Iberê Bassani Camargo, de Maria Tomaselli, de Regina Scalzilli Silveira, por exemplo.

Outro caudal vigoroso e seminal se alargou a partir da ação de Cicillo Matarazzo, com a idéia e a criação da Bienal de São Paulo, nos moldes da Bienal de Veneza. Dali, como numa explosão assombrosa de um *vesúvio* urbano e tropical, saíram as audácias criativas que resultaram nos movimentos fundamentais para formação do universo das artes plásticas contemporâneas no Brasil, a constituição do Museu de Arte Moderna de São Paulo e do Museu de Arte Contemporânea, em torno do qual gravitaram nomes com Alfredo Volpi, Arcangelo Ianelli, Hermelindo Fiaminghi, Thomaz, Bonadei.

Um grupo de artistas fundamentais, com obra suficiente para se compreender a trajetória e o desenvolvimento das artes plásticas no Brasil no transcorrer do século XX e sua entrada bem justificada no contemporâneo de um novo século.

Alfredo Aquino
Curador da mostra *Anima italiana*



Luigi Grady. *A imigrante*, óleo sobre tela. 1887

A imigração

O Rio Grande do Sul recebeu seus primeiros descendentes de italianos em maio de 1875. Três famílias milanesas de Monza instalaram-se em Nova Milano, Farroupilha, iniciando um núcleo que marcaria de forma definitiva a cultura e a economia do Estado sulino. Até 1914, mais de 80 mil imigrantes, vindos sobretudo da Lombardia, do Vêneto e do Tirol, enfrentaram as condições precárias de travessia nos navios e a instalação no território selvagem e pouco acolhedor da serra gaúcha. As três primeiras colônias foram Conde D'Eu (Garibaldi), Dona Isabel (Bento Gonçalves) e Caxias. Em 1877, fundou-se uma quarta colônia, Silveira Martins, próxima a Santa Maria. Boa parte desses retirantes do norte da Itália emigraram num período de extremo conflito entre os liberais e os católicos. Os colonos buscaram reconstruir, em solo gaúcho, o mundo campesino, a temporalidade das aldeias, reconfigurando suas tradições e a sociabilidade principalmente em torno da Igreja católica. O dialeto, as narrativas, as festas, a massa, o galetto e o vinho, valores caros como o trabalho e a família, são elementos presentes até hoje no imaginário regional, constituindo uma espécie de saga da imigração italiana, envolvendo desde o estereótipo do colono até pequenos e expressivos hábitos arraigados no dia-a-dia.

Programação

Curso de História da Arte Italiana em Língua Italiana

O objetivo do curso é possibilitar uma introdução à História da Arte Italiana, desde o período clássico até o século XX, na própria língua. Os oito encontros serão ministrados pela professora Francesca Coniglio Ducceschi, que é pós-graduada pelo Instituto Real de Artes de Florença e leciona cerâmica desde 1961. Na programação, estudo da arte clássica no Mediterrâneo, nos primeiros séculos do Cristianismo, arte Imperial Romana, renascença Italiana, Barroco, Rococó, períodos Basílico e Romântico, Neoclassicismo e arte no século XX.

Horário: sempre as quintas, das 15h às 17h

Dias programados: de 9 de junho a 4 de agosto.

Informações pelo fone: (51) 3212 2281

Ciclo de filmes italianos

Para enriquecer a programação ligada à mostra *Anima Italiana*, o MARGS, em parceria com a Sociedade Italiana Massolin di Fiori, preparou uma seleção de filmes italianos ligados à Arte. Os oito títulos serão exibidos sempre aos sábados, às 15h, com legenda em português. Logo após a sessão, haverá um comentário sobre a exibição realizado por um especialista da área. Entre os filmes selecionados estão *Botticelli, Il Suo Tempo, I Suoi Amici Artisti*, de Guido Arata, *Tiziano*, de Manuela Burzachechi, e *La Pittura Senese del Trecento*, de Luca Verdone.

Horário: 15h

Dias programados: de 11 de junho a 30 de julho.

Entrada franca

O menino e o artista

Era uma vez um menino sem amigo. Aí ele inventou um. Chamava-se Amigo, que é como se chamam amigos recém-inventados.

Mas passou um tempo, eles brincaram (pique-esconde, caçador, amarelinha), e um dia o Amigo reclamou:

- Eu quero um nome que nem o dos meninos.

Aí o menino inventou outro nome: Amigo com nome que nem o dos meninos.

O outro achou legal aquele nome comprido com sobrenome e tudo.

Outro dia brincaram tudo outra vez: pique-esconde, caçador, amarelinha. E luta e bater figurinha. Aí decidiram ler um livro. Foram para a biblioteca, que ficava numa casa sem paredes. Aí decidiram fazer as paredes. Enquanto trabalhavam, o Silêncio veio incomodar com todas as coisas que não diz. Aí decidiram inventar uma música, que era assim:

Pega tijolo e cimento,
faz um andar e a parede.
Agora, nesse momento,
Silêncio morre de sede.

Foram cantando até o silêncio morrer de sede e a parede ficar pronta. Mas quando ficou pronta - pintada de branco - o Vazio da parede veio incomodar com todas as coisas que não se pode ver. Aí decidiram pintar quadros.

O menino pintou uma partida de futebol. Bem na hora que a bola é chutada para dentro do gol. Pintou três quadros. A bola no pé do jogador. A bola longe do pé e quase na goleira. A bola dentro do gol. Fez um balão saindo da boca do centro-avante. Que dizia:

Goooool...

O Amigo com nome que nem o dos meninos fez dois quadros: eram retratos dele mesmo, ou seja, auto-retratos. O primeiro era preto e branco e cinza, ele triste no tempo em que não tinha nome que nem o dos meninos. O segundo era todo colorido (vermelho, azul, laranja), era ele alegre depois que ganhou um nome que nem o dos meninos.

Agora a biblioteca já tinha paredes. E eles foram perguntar para a moça que cuidava dos livros:

- Onde estão os livros?

Ela fez um silêncio daqueles que eles conheciam muito bem. E para quebrá-lo começaram a cantar:

Pega tijolo e cimento,
faz um andar e a parede.
Agora, nesse momento,
Silêncio morre de sede.

O Silêncio continuou com sede, e eles mudaram de tática:

- Os livros estão no lado esquerdo?

- Não.

- No direito?

- Não.

- Por cima? Por baixo?

Ela já nem respondia. E eles descobriram que aquela biblioteca não tinha livros. Aí resolveram inventar. O Amigo com nome que nem o dos meninos inventou a história de alguém que nem existia. Na primeira página, alguém já existia. Na segunda, ganhou um nome: Amigo. Na terceira um nome decente: Amigo com nome que nem o dos meninos. Na quarta página brincava com um menino, na quinta iam numa biblioteca, na sexta inventavam um livro. Não escreveu a sétima página porque ainda não tinha acontecido. Na verdade, estava contando a própria vida, ou seja, fazendo uma auto-biografia.

O menino escreveu a história de um menino triste porque não tinha amigo. Mas feliz porque sabia inventar. E foi inventando amigo, canção, quadro e até um livro. O livro não estava pronto, mas apareceu um fiscal. Porque àquela altura o livro já tinha uma biblioteca com paredes, livros (dois) e até um fiscal. Que perguntou:

- Em nome da lei, quem são vocês?

Antes que o Silêncio viesse incomodar, os meninos responderam:

- Somos artistas.

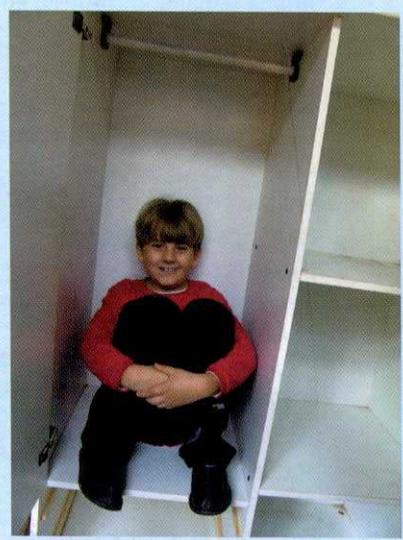
E o fiscal começou a aplaudir.

Celso Gutfrend
Escritor e psiquiatra da infância



GFB, Giuli, gravura, 2005

Giuliano Ferrony Bressan, de 8 anos, é filho do escultor Félix Bressan. Ser filho de artista, para Giuliano, é normal. É brincar no pátio, desenhar, ser carinhoso com os animais de estimação, ir à escola, ao curso de inglês, estudar piano, cantar música da Xuxa. E não gostar do portão da sua casa, é querer visitar o Louvre, correr pelo ateliê e se esconder num armário. Olhar esculturas e enxergar telhados, flautas gigantes, desertos e dizer muitos "não sei". Enfim, ser filho de artista é ser criança, talvez um artista, como o texto de Celso Gutfrend ou como os desenhos de Giuliano, suas mãozinhas que assinam GFB.



GFB, Fada do Amor, lápis aquarelado sobre papel, 2005